

TRÓPICO DE CAPRICÓRNIO, FRONTEIRAS E GEOPOLÍTICA DO MERCOSUL: RELATO DE UM BRASILEIRO ISOLADO PELO CORONAVÍRUS NO NORTE ARGENTINO

Bruno Pereira de Lima Aranha
Professor formador do Instituto Federal Farroupilha (IFFar)
E-mail: brunoaranha83@gmail.com

Resumo:

O presente relato é sobre a recente experiência que passei no norte argentino durante o início da expansão da pandemia do coronavírus pela América do Sul. A ressignificação das fronteiras internas na Argentina e a atuação da diplomacia brasileira compõem o eixo central do relato que abarca o “forçado” período do meu isolamento social, na cidade argentina de Salta durante o mês de março de 2020.

Palavras-chave: *Coronavírus. Fronteira. Geopolítica. Itamaraty. Mercosul.*

“Repatriamos mais de 11 mil brasileiros que estavam no exterior,
num esforço capitaneado pelo Itamaraty”
- Ministério da Defesa e Embratur”¹.

A frase acima foi proferida pelo presidente Jair Bolsonaro em pronunciamento em rede nacional de rádio e televisão no dia 8 de abril de 2020. Exatamente neste dia dei início à escrita deste meu relato a respeito da minha experiência vivida no norte argentino em meio à pandemia global do coronavírus².

A fala genérica do presidente obviamente não coloca em xeque a atuação do Itamaraty em meio ao problema de repatriação de milhares de brasileiros que foram retidos no exterior em meio à pandemia. No entanto, a experiência por mim vivida abre margem para apontar as falhas deste órgão em meio à geopolítica atual que toca o Mercosul, onde a atual difícil relação diplomática entre os governos brasileiro e argentino refletiu sobre o problema dos brasileiros retidos na Argentina. Um problema que poderia ser minimizado pela questão da distância, já que os países compartilham um mercado comum e uma larga fronteira terrestre de 1261,3 quilômetros. O que poderia desembocar em soluções mais práticas se comparada com a situação dos cidadãos retidos em outros continentes.

¹Disponível em: <noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/04/08/veja-e-leia-na-integra-o-pronunciamento-de-jair-bolsonaro.htm> Acesso em 8 abr. 2020.

² Pandemia em curso de COVID-19, uma doença respiratória aguda causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2). A doença foi reportada pela primeira vez em Wuhan, na província de Hubei, região central da China, em 31 de dezembro de 2019, tendo, em seguida, se disseminado nos meses seguintes pelo mundo. No dia 13 de março, a Organização Mundial da Saúde (OMS) considerou a Europa como o epicentro da pandemia. Nessa altura, a doença já se encontrava disseminada pelo continente americano, tendo Estados Unidos e Brasil como maiores epicentros da pandemia.

Não são de hoje os meus fortes vínculos com a Argentina. Ainda durante a graduação, no ano de 2008, fixei residência no país para um período de intercâmbio na Universidade de Buenos Aires. Desde então, no decorrer desses anos, por motivos relacionados à minha pesquisa, e devido aos vínculos de cunho pessoal, praticamente todos os anos estou em trânsito pelo país.

No dia 10 de março de 2020, após finalizar a escrita da minha tese de doutorado, saí de São Paulo e me dirigi até a cidade de Posadas, capital da província argentina de Misiones, para acertar detalhes da minha defesa com a professora e amiga María Angelica Amable, uma das componentes da minha banca. Tendo cumprido esse compromisso, resolvi tirar alguns dias de férias e rumei para o norte, em direção à única parte do país que ainda me faltava conhecer: as províncias de Salta e Jujuy.

Ademais das histórias sobre os caudilhos locais que por diversas vezes tive contato através da minha pesquisa, outra coincidência chamava a minha atenção: a latitude dessas duas províncias era exatamente a mesma da minha terra natal, Itu, no interior de São Paulo. Ambos os lugares possuem em comum o fato de serem cortados pela linha imaginária do Trópico de Capricórnio.

Durante os primeiros dias de março já se escutava algo a respeito do coronavírus, entretanto, naquela altura, nenhuma situação alarmante estava dentro de um horizonte próximo. Ingressei na Argentina pela fronteira paranaense de Foz do Iguaçu-Puerto Iguazú (Misiones).

Tudo funcionava normalmente pelo país. A geografia peculiar do noroeste argentino, uma linda paisagem árida e avermelhada, nos remete ao ambiente do planeta Marte, dando-me a incrível sensação de realmente estar em outro planeta e isolado em relação ao que se passava pelo mundo.

A situação mudou completamente no dia 17 de março. Estava almoçando junto a um grupo de amigos argentinos na localidade salteña de Iruya quando vimos pela TV do restaurante o pronunciamento do presidente argentino Alberto Fernández³, anunciando o fechamento das fronteiras e a suspensão dos transportes aéreos e terrestres em todo o país para o dia 19, em razão da contenção da expansão do coronavírus. Foi o momento onde todos nós ali caíram na realidade: era hora de voltar.

³ Presidente desde 10/12/2019, Fernández é líder da agrupação política de centro-esquerda *Partido del Trabajo y la Equidad* (ParTE).

Imediatamente pegamos o ônibus de regresso para Tílcara, localidade de Jujuy onde estabelecemos nossa base na região. Cruzamos uma vez mais o Trópico de Capricórnio, na altura de Huacalera, até chegar ao nosso destino, onde conseguimos efetuar a troca de passagens para regressar aos nossos lugares de origem. Consegui embarcar rumo à capital salteña naquela mesma noite. De Salta sairia o meu ônibus para Posadas, o qual conseguir remarcar já para o dia seguinte. Sendo assim, teria tempo suficiente para pelo menos chegar à província de Misiones, na casa da professora Angelica, onde estaria seguro e próximo da fronteira com o Brasil. De lá outro ônibus me levaria até São Paulo.

No entanto, mal chegou o ônibus na rodoviária de Salta, tive o meu embarque (com destino a Posadas) negado. O motivo alegado pela empresa Flecha Bus foi o seguinte: “Estrangeiros estão proibidos de embarcar”.

Nesse momento toda a cidade de Salta foi tomada pela paranoia e não havia regras claras para o que estava acontecendo. Tanto as pessoas na rodoviária, quanto os policiais que travei contato logo em seguida, estavam completamente perdidos em meio a tanta informação desconhecida. Teoricamente, pelo decreto presidencial, eu poderia seguir viagem, já que no dia 18 ainda existia transporte em toda a Argentina. Sem saber como proceder, tentei contato com a embaixada brasileira em Buenos Aires. Como não consegui contato telefônico, enviei um e-mail. Em tempos de acesso fácil à informação, ainda busquei na internet o endereço do Cônsul Honorário do Brasil em Salta. Fui até o local e uma senhora me informou pelo interfone que a repartição encontrava-se desativada há quinze anos.

Ao seguir caminhando pela cidade, com o passar das horas, fui encontrando outros estrangeiros pelas ruas que estavam na mesma situação, era fácil reconhecê-los em uma província onde a maioria da população possui origem indígena, sobretudo, quéchua e aimará. Todos foram impedidos de embarcar em seus respectivos ônibus. Juntamos três pessoas (eu e um casal de franceses) e pensamos na possibilidade de contratar um taxista para nos levar até Misiones. Inicialmente, pensamos que o plano poderia dar resultado, entretanto, alguns minutos após o motorista ter aceitado a nossa proposta, ele mesmo nos comunicou que as fronteiras de Salta estavam fechadas. Ninguém poderia sair e nem entrar na província a partir daquele momento.

Jamais poderia imaginar que passaria por uma experiência similar a uma situação que era bastante comum na Argentina do século XIX, período em que as províncias do interior constantemente travavam conflitos com Buenos Aires devido às lutas entre os unitários

portenhos, defensores da centralização do poder e os federalistas que advogavam por uma maior autonomia das províncias. O caso relatado aqui não se tratava de uma confrontação direta, mas o governo de Salta, através do governador Gustavo Sáenz ⁴, agiu por conta própria, ignorando o próprio decreto de Buenos Aires. Outro fator peculiar foi ver o surgimento de novas fronteiras internas dentro da Argentina, onde cada província foi se fechando por sua própria conta. Somava-se ainda o fato das constantes aparições do governador na televisão. Todo esse contexto pareceu-me uma releitura do fenômeno do caudilhismo em pleno século XXI ⁵.

Estando na situação de me sentir “preso” em Salta e, possivelmente, ser obrigado a cumprir um período de quarentena, fui tentar buscar hospedagem na cidade. Entretanto, os policiais salteños nos informaram que outra lei informal estava em vigor: “os hotéis na cidade não estão recebendo estrangeiros”. Não era uma lei de fato, mas sim uma “recomendação” emitida pelo próprio governo e que foi seguida à risca pelo setor hoteleiro da cidade. Já se sentia a paranoia no ar e ser estrangeiro naquele momento significava ser um potencial transmissor do coronavírus. Situação essa não mais restrita apenas aos turistas europeus, já que naquela altura, o número de casos estava aumentando consideravelmente no Brasil, o que fez com que a Argentina incluísse o país na lista de nações de risco de contágio do coronavírus.

Naquele momento, não havia outra possibilidade que não fosse a de dormir na rua. A situação foi ficando cada vez mais difícil porque não tínhamos acesso a telefone e à internet. Por sorte, o casal de franceses tinha acesso a uma rede móvel francesa e começamos a realizar alguns contatos. Foi nesse momento que pude checar a resposta da embaixada brasileira em Buenos Aires: “favor contatar o consulado de Córdoba que possui legislação sobre Salta”.

Imediatamente os contatei por mensagem eletrônica e, ao mesmo tempo, pedi para amigos e familiares tentarem, sem sucesso, obter contato telefônico, já que a situação era extremamente emergencial.

Os franceses, por sua vez, conseguiram contato com uma única hospedaria que nos aceitou. Para lá rumamos e nos instalamos. As condições do dono da casa foram colocadas logo de cara. Salta era a província argentina que tinha implementado as medidas, de restrição, mais radicais em todo o país. Por esse motivo, a quarentena já estava em andamento e

⁴ Governador desde 10 dezembro de 2019, Sáenz é membro do *Partido Identidad Salteña*, agrupação política de centro-direita.

⁵ Ver: LUNA, Félix. *Los Caudillos*. Barcelona: Grupo Editorial Planeta, 1988.

DONGHI, Tulio Halperin. *Historias de Caudillos Argentinos*. Buenos Aires: Punto de Lectura, 2014.

ninguém poderia sair às ruas. No caso da hospedaria, somente o dono poderia sair para fazer compras. Nenhum hóspede estava autorizado a sair. Por outro lado, essa pessoa foi responsável pela nossa segurança em meio a uma situação bastante vulnerável em que nos encontrávamos.

Já pela noite, estando instalado na hospedaria, pude retomar as minhas comunicações e tentar buscar uma solução para o meu problema. O consulado de Córdoba não me respondeu de imediato, mas nessa altura, uma grande rede de solidariedade já havia se formado no Brasil, capitaneada pela torcida do Ituano Futebol Clube que já estava pressionando o Itamaraty para saber se alguma providência seria tomada para o caso de um dos seus torcedores. O futebol às vezes move fronteiras...

Pela via da própria torcida, o meu caso de confinamento chegou até a imprensa brasileira naquela mesma noite. A sucursal da Rede Globo em Sorocaba/SP noticiou o caso na manhã do dia 19 e a divulgação da condição que enfrentávamos em Salta tomou uma proporção ainda maior⁶.

Foi por volta da 12h desse mesmo dia que o consulado de Córdoba e o Cônsul Honorário do Brasil em Salta, cuja existência fiquei sabendo nesse momento, entraram em contato comigo. A orientação dada por eles era para esperar pelo fim da quarentena - que a princípio duraria até o dia 25 - para tentar prosseguir viagem, ao fim do período de distanciamento social.

No dia seguinte, 20 de março, recebi uma ligação de um rapaz de Brasília que ficou sabendo do meu caso pela imprensa. O seu pai estava na mesma situação, parado em Salta em outra hospedaria. Ele me colocou em contato com o seu pai, Francisco Raul, e imediatamente iniciamos uma maneira de nos articular junto ao Itamaraty e às autoridades argentinas⁷. Em seguida, consegui contatar mais seis brasileiros que estavam na mesma situação: era um casal de Belo Horizonte e uma família de Curitiba.

⁶A reportagem foi ao ar no programa Bom Dia Cidade. Vídeo disponível no seguinte link: <http://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/bom-dia-cidade/videos/t/edicoes/v/veja-as-noticias-do-esporte-regional-nesta-quinta-feira/8412384/?fbclid=IwAR1Xz7UGISIEojhNosccMw8S7FJG4AwL_94X45XpteKBuWjYp1HEcBHao2A> Acesso em 14 abr. 2020.

Outra reportagem foi vinculada no programa Tem Notícias, edição das 12h. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/tem-noticias-1edicao/videos/t/edicoes/v/torcedor-do-ituano-esta-presos-em-salta-no-norte-da-argentina/8413179/>> Acesso em 14 abr. 2020.

O portal G1 também vinculou uma reportagem sobre o caso. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2020/03/19/grupo-faz-campanha-para-que-brasileiro-em-isolamento-na-argentina-volte-ao-brasil.ghtml>> Acesso em 14 abr. 2020.

⁷O caso do Francisco Raul foi noticiado pelo Correio Braziliense. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2020/03/20/interna_cidadesdf,835694/devido-ao-coronavirus-morador-de-brasil-passa-sufoco-na-argentina.shtml?fbclid=IwAR3GRVV73qzQL7pveTfZ5aTJ9HTk5Tq5ApDPCzeyHcADpmsFvChrAAbwYog> Acesso em 14 abr. 2020.

Ainda nesse mesmo dia recebemos a notícia de que a quarentena seria prorrogada até o dia 31. Começamos a nos preocupar com a situação dela ser prorrogada indefinidamente e, como consequência, ficarmos “preso” em Salta por tempo indeterminado. Sendo assim, continuamos a pressionar o consulado de Córdoba para intermediar uma resolução de repatriação para o nosso caso. Paralelamente, inúmeras chamadas e contatos foram travados com diversas pessoas dentro da Argentina e do Brasil. Diplomatas, professores, políticos, jornalistas, alguém que pudesse nos ajudar de alguma maneira.

No dia 21 recebi uma ligação do consulado de Córdoba. Imaginava ser uma possível solução para o nosso caso, no entanto, se tratava apenas de uma reclamação: “Estamos recebendo muitos e-mails em seu nome aqui no consulado. Não estamos contentes com essa situação”.

Foi nesse momento que comecei a duvidar dos esforços do Itamaraty. A situação era ainda mais complexa. O caso dos brasileiros na Argentina teoricamente seria mais fácil por estarem em um país limítrofe, entretanto, medidas de repatriação resultavam ser dificultadas porque não havia um bom diálogo entre os governos argentino e brasileiro. Fernández e Bolsonaro⁸ “não se bicam” e isso respingava diretamente sobre a nossa situação. Para piorar, estávamos em uma província distante de Buenos Aires, lugar onde haveria alguma possibilidade mínima de repatriação.

De fato, ao longo dos dez dias em que ficamos isolados, nenhuma medida efetiva foi tomada pelo Itamaraty para com o nosso caso. Os contatos telefônicos continuaram, mas a primeira esperança veio de dentro da hospedaria. Constituí uma amizade com Frederico e Rocio, um casal de portenhos torcedores do Club Atlético Huracán. Uma vez mais o futebol aproximava as pessoas. Eles me informaram que iriam comprar passagens aéreas para um único voo autorizado pelo governo de Salta que sairia rumo à Buenos Aires no dia 27. Essa não era a solução definitiva para a nossa repatriação, no entanto, sair da província de Salta e estar na capital argentina já representava um grande avanço para a nossa situação, já que estaríamos juntos a um grupo bastante numeroso de brasileiros que poderia se articular melhor junto às autoridades.

Imediatamente entrei em contato com o Consulado em Córdoba que me respondeu dizendo que essa saída somente seria possível mediante um certificado de saúde emitido pelo governo de Salta. Fomos orientados a enviar uma mensagem eletrônica para o departamento

⁸ Bolsonaro é associado à extrema direita e se manifestou publicamente de maneira contrária à eleição de Hernández na Argentina.

de *Migraciones* para obter o certificado (contato presencial e mesmo telefônico estavam suspensos). Assim que orientei todo o grupo de brasileiros a fazer o mesmo. A resposta nunca chegou. Para piorar, recebi a seguinte mensagem do Cônsul Honorário do Brasil em Salta:

(...) a título informativo lhes faço saber que o Consulado Geral de Córdoba, através do Cônsul Honorário para Salta e Jujuy esgotou todos os esforços possíveis com as autoridades, como ser: Sr. Secretario de Relaciones Extranjeras de la Provincia de Salta, Delegado de Migraciones, Delegación Salta y Secretaria de la Dirección de Extranjeros de la Municipalidad de Salta⁹.

Parecia que estávamos regressando à estaca zero. Enquanto algumas repatriações estavam ocorrendo, sobretudo, de brasileiros oriundos de países europeus, o nosso caso continuava complicado. Ademais de não logarmos contato com o governo de Salta, a própria conjuntura geopolítica tampouco favorecia as relações diplomáticas entre Brasil e Argentina.

No decorrer dos dias, vivíamos uma vida comunitária na casa. Repartíamos as tarefas de limpeza e de preparo das refeições. Éramos treze pessoas entre estrangeiros e portenhos. Resultava difícil manter condições sanitárias ideais para esse volume de pessoas. Mas não podíamos reclamar, já que o dono foi o único que nos abriu as portas e tomou todos os cuidados para a nossa segurança em meio a uma histeria coletiva que estava tendo desdobramentos xenofóbicos¹⁰.

No dia 25, recebi uma chamada do jornalista salteño Antonio Gaspar, do jornal *El Tribuno*, o maior jornal da província. Ele me solicitou uma entrevista que foi prontamente atendida. Pensávamos que, quanto maior a visibilidade, melhor seriam nossas possibilidades, já que o Itamaraty não tomava nenhuma medida concreta até então. Somava-se ainda o fato de que prorrogação da quarentena certamente se estenderia para o mês de abril.

No dia seguinte pela manhã fui despertado por uma chamada de um funcionário do governo de Salta. A essa altura a reportagem já havia saído e causado repercussões, entretanto, eu ainda não estava a par da situação, ainda não havia lido a matéria. Esse funcionário ligou para saber da nossa situação. Dei os devidos esclarecimentos, relatei que até então o governo não havia respondido às nossas mensagens e que ansiávamos por alguma eventual medida, já que o nosso interesse era de voltar imediatamente para o nosso país. Essa

⁹ Mensagem recebida no meu celular no dia 24 de março de 2020 às 12h03.

¹⁰ Após a repercussão da reportagem no jornal *El Tribuno* de Salta, recebi várias mensagens de cidadãos salteños querendo ajudar de alguma forma para atenuar a minha situação. Ofereceram ajuda com comida e até mesmo financeira. Felizmente essa era a tônica do pensamento da maioria das pessoas. Entretanto, como em qualquer lugar, manifestações preconceituosas não deixaram de existir. O seguinte comentário proferido por um leitor do jornal elucida tal postura: “por una informacion equivocada los salteños le temen? es un virus que te puede matar y lo traes vos a mi provincia, vayanse a cagar”. Disponível em: < https://www.tribuno.com/salta/nota/2020-3-26-0-0-0-turistas-extranjeros-que-se-quedaron-en-salta-en-una-situacion-critica?fbclid=IwAR2potH0Y3qQvhmo66JRejLiEI1_5p6vWGffF8NaGAVXPcuV5Li7yxop38c > Acesso em 14 abr. 2020.

pessoa me informou que poderíamos embarcar no voo para Buenos Aires que sairia no dia 27 de março. A única condição exigida era ter cumprido a quarentena de 14 dias contados a partir da data de ingresso no país. Eu e o Francisco Raul atendíamos a esse requisito e imediatamente compramos as nossas passagens. Os demais, por ainda não terem cumprido com os 14 dias, poderiam embarcar no outro voo programado para o dia 29, no entanto, o voo acabou sendo cancelado e os demais brasileiros continuaram “presos” em Salta.

Ter essa garantia por parte do governo de Salta nos dava uma relativa segurança. Ainda assim tínhamos que medidas arbitrárias pudessem ser tomadas. O próprio Itamaraty parecia estar perdido e continuou enviando mensagens alertando que teríamos que obter o certificado de saúde, informação esta que foi contestada pelo próprio governo de Salta. Segundo eles, o carimbo do passaporte provava que estaríamos quites com o prazo da quarentena.

Por fim, após dez dias de confinamento, chegou o dia do voo para Buenos Aires. Seria a primeira vez que veria pessoalmente o Francisco Raul, já que, durante todos esses dias de quarentena, o nosso contato era apenas por via telefônica. Nesse mesmo dia constatei na página da Aerolíneas Argentinas que haveria um voo emergencial saindo de Buenos Aires no dia 29 com destino à Puerto Iguazú, província de Misiones, na fronteira com o Brasil. Seria uma solução definitiva para a nossa repatriação. Ainda que existisse a possibilidade do voo ser cancelado, compramos a passagem.

Ainda contatei o consulado brasileiro em Puerto Iguazú para saber como estava a situação dessa fronteira. A resposta não foi nada animadora: “Informamos que a fronteira está fechada, não aconselhamos a se dirigir para cá” ¹¹.

Antes de tudo, o dever do consulado seria de nos assessorar e facilitar a nossa saída, e não dificultá-la. Em caso de problemas, era justamente esse órgão que poderia intermediar alguma garantia para a nossa saída, entretanto, nada nesse sentido foi feito, muito pelo contrário, empecilhos foram colocados.

Por minha conta, resolvi analisar o decreto presidencial para poder chegar a um consenso acerca de sua interpretação. Ele era bastante claro ao estabelecer que a fronteira estava fechada para ingresso, mas não colocava empecilhos para a saída de estrangeiros. Através dos meus contatos na província de Misiones, que, por sua vez, contataram as

¹¹ E-mail enviado pelo consulado no dia 26 de março às 09h51.

autoridades policiais de Puerto Iguazú, pude confirmar que não existia problema algum em relação à saída de brasileiros por aquela localidade. Tendo superado uma *fake news* emitida pelo próprio Itamaraty, e que foi amplamente compartilhada nos grupos de WhatsApp de brasileiros retidos na Argentina, saímos mais confiantes rumo ao aeroporto de Salta.

A cidade estava totalmente vazia e passamos por várias barreiras policiais. Após um rígido controle no aeroporto, pudemos embarcar rumo à Buenos Aires. Nesse mesmo dia pude fazer contato com a primeira funcionária competente que encontrei no Itamaraty. Ela nos concedeu um salvo conduto assinado pelo embaixador brasileiro na Argentina para poder transitar pelo país e prestar contas às autoridades que iríamos ter contato no decorrer de nossa viagem.

Chegamos na noite do dia 27 na capital argentina. A cidade estava toda sitiada e com um grande número de barreiras policiais. Conseguimos reservar um hotel pela internet, entretanto, ao chegarmos lá, ele encontrava-se fechado, assim como todos os hotéis na cidade. Após sermos parados por quatro barreiras policiais, regressamos ao aeroporto praticamente vazio e sem nenhuma movimentação comercial, mas era a única opção para passarmos a noite para aguardar pelo nosso voo que sairia no dia seguinte às 12h40. Ainda consegui ir pessoalmente ao guichê da companhia aérea para poder marcar um voo de Salta para Buenos Aires para a família de Curitiba, o qual acabou por ser cancelado.

Na manhã do dia 28, mesmo tendo a garantia das autoridades de Misiones de que a fronteira estava aberta para a saída, dessa vez, foi o consulado de Buenos Aires que nos alertava para o fato dela estar fechada. Ainda assim, eu e o Francisco estávamos decididos a embarcar para Puerto Iguazú. A essa altura estávamos conectados, via WhatsApp, a um grande grupo de brasileiros que estava na Argentina solicitando repatriação ao Itamaraty. Eu já tinha divulgado entre o grupo a notícia do voo para Puerto Iguazú, no entanto, as pessoas ficaram temerosas em embarcar, justamente devido ao alerta que o próprio Itamaraty estava fazendo. Era uma situação compreensível, afinal, a informação provinha de um órgão oficial do nosso país, eu, no entanto, preferi dar créditos para as autoridades argentinas com quem estava em contato.

De última hora apareceu um brasileiro no embarque que necessitava do salvo conduto da embaixada para poder embarcar. Consegui realizar a ponte com aquela funcionária competente da embaixada e o documento foi emitido na hora. Assim o rapaz também pôde embarcar.

Chegamos à tarde em Puerto Iguazú e fomos bem recepcionados pelas autoridades locais. Um amigo residente na cidade já nos aguardava, com a devida autorização das autoridades, no aeroporto para nos conduzir diretamente até a fronteira, já que o trânsito pela cidade estava expressamente proibido devido à quarentena.

Na aduana vimos muitos argentinos acampados. As novas medidas do governo argentino, no que tocava o controle da expansão do coronavírus, estavam barrando seus próprios cidadãos que provinham do exterior. Nós não tivemos problema algum em sair do país. Restava então uma caminhada de aproximadamente quatro quilômetros, cruzando o rio Iguazú pela ponte Tancredo Neves, até alcançar a aduana brasileira. Foi o tempo de contarmos diversas pessoas do consulado para alertá-los de que a situação ali era absolutamente normal para os brasileiros, era possível sair tranquilamente por aquele posto fronteiriço. Enfatizei ainda junto a eles a necessidade de contornar as informações equivocadas que foram emitidas pelo consulado brasileiro em Puerto Iguazú.

Chegamos à Foz do Iguaçu no fim da tarde. Ficamos sabendo que não havia transporte rodoviário para seguir viagem devido à quarentena decretada no estado do Paraná. Entretanto, o clima na cidade era radicalmente diferente da Argentina, muitas pessoas ainda transitavam pelas ruas apesar dos alertas das autoridades. Alojamo-nos em um dos poucos hotéis abertos na cidade para aguardar o nosso voo marcado para o dia seguinte. Eu seguiria para São Paulo e o Francisco para Brasília. Por fim, já na madrugada do dia 30 de março, cheguei a minha residência na capital paulista.

Nenhum voo partiu de Salta após o dia 27 de março. Os demais brasileiros retidos na província, embora já tivessem cumprido a quarentena de quatorze dias, ficaram impossibilitados de realizar o mesmo trajeto que eu e o Francisco realizamos. Eles tiveram que mobilizar recursos próprios para poderem retornar ao Brasil. No caso da família de Curitiba, obtiveram uma autorização das autoridades para alugar um carro para poderem realizar um trajeto de 1.425 quilômetros até Puerto Iguazú. O caminho mais curto e retilíneo, margeando o Trópico de Capricórnio, era impossível de ser realizado porque entraria em território paraguaio. Percorreram ainda mais 640 quilômetros até chegarem a sua casa no dia 4 de abril. O casal de Belo Horizonte, seguindo essa mesma alternativa, pôde chegar a casa apenas no dia 12.

Todos nós tivemos que arcar com os prejuízos dos cancelamentos de nossas passagens de regresso e ainda providenciar novas maneiras de regressar ao nosso país.

O Itamaraty pouco realizou pela nossa causa. Tivemos que tratar diretamente com as autoridades argentinas. Autoridades no plural porque as negociações foram travadas primeiramente com a província de Salta, depois com Buenos Aires e, por fim, com Misiones. Vivemos uma autêntica releitura do contexto histórico do século XIX na Argentina onde o conceito de fronteira foi completamente ressignificado nesses tempos de pandemia.